



INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA
GIA DE GOIÁS - IFG
CAMPUS FORMOSA

TECNOLOGIA EM ANÁLISE E DESENVOLVIMENTO DE SISTEMAS

DERECK BRIAN SOUSA DE ARAUJO

**DESENVOLVIMENTO DE UM SISTEMA AUTOMATIZADO PARA
LIMPEZA E MANUTENÇÃO DE PISCINAS**

DERECK BRIAN SOUSA DE ARAUJO

DESENVOLVIMENTO DE UM SISTEMA AUTOMATIZADO PARA LIMPEZA E
MANUTENÇÃO DE PISCINAS

Orientador: Prof. M° Afrânio Furtado de
Oliveira Neto

RESUMO

A crescente aplicação de tecnologias de automação em ambientes residenciais tem impulsionado o desenvolvimento de sistemas voltados à otimização de tarefas cotidianas. Neste contexto, o presente trabalho propõe o desenvolvimento de um sistema automatizado para limpeza e manutenção de piscinas residenciais, fundamentado em princípios de automação residencial e na Internet das Coisas (IoT).

sistema integra sensores, atuadores e controladores microprocessados com o objetivo de realizar o monitoramento e o tratamento automatizado da água, reduzindo a necessidade de intervenção manual.

A proposta busca oferecer maior eficiência no uso de recursos, segurança na manipulação de produtos químicos e sustentabilidade no consumo de água e energia. A pesquisa abrangeu a revisão de normas técnicas, o estudo dos componentes mecânicos e eletrônicos empregados, bem como o desenvolvimento de um protótipo funcional.

Os resultados obtidos demonstram que a automação do processo de limpeza e tratamento de piscinas é viável e pode minimizar falhas humanas, otimizar o tempo de manutenção e garantir padrões adequados de qualidade da água. O sistema desenvolvido apresenta-se, portanto, como uma solução prática e acessível, alinhada às tendências tecnológicas de domótica e automação inteligente.

Palavras-chave: Automação residencial. IoT. Piscinas residenciais. Manutenção automatizada.

ABSTRACT

The growing application of automation technologies in residential environments has driven the development of systems aimed at optimizing everyday tasks. In this context, this work proposes the development of an automated system for the cleaning and maintenance of residential swimming pools, based on home automation principles and the Internet of Things (IoT).

The system integrates sensors, actuators, and microprocessed controllers to perform automated water monitoring and treatment, reducing the need for manual intervention.

The proposal seeks to improve resource efficiency, ensure safety in handling chemical products, and promote sustainability in water and energy consumption. The research included the review of technical standards, the study of mechanical and electronic components, and the development of a functional prototype.

The results demonstrated that automating the cleaning and treatment process of swimming pools is feasible and can minimize human errors, optimize maintenance time, and ensure appropriate water quality standards. Therefore, the developed system presents itself as a practical and accessible solution aligned with current trends in domotics and smart automation.

Keywords: Home automation. IoT. Residential swimming pools. Automated maintenance.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Primeiro registro histórico de piscina – “Grandes Banhos de Mohenjodaro”.	12
Figura 2 – Componentes estruturais básicos de uma piscina.	13
Figura 3 – Principais acessórios utilizados na limpeza física de piscinas.	14
Figura 4 – Faixa de pH	15
Figura 5 – Estojo para Análise de Parâmetros Químicos da Água	18
Figura 6 – Arquitetura centralizada de automação residencial	22
Figura 7 – Arquitetura descentralizada de automação residencial	22
Figura 8 – Placa Arduino Uno com pinos digitais e analógicos	25
Figura 9 – Raspberry Pi Modelo B+	26
Figura 10 – Bomba de água utilizada como atuador no sistema	27
Figura 11 – Diagrama de Caso de Uso do Sistema	34
Figura 12 – Sensor de Temperatura MF58 (NTC 10K)	35
Figura 13 – Sensor de Nível LC26M-40	36
Figura 14 – Bomba Submersa JT100	37
Figura 15 – Placa Arduino Uno R3	38
Figura 16 – <i>Raspberry Pi 3 Model B</i>	38

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Tabela de Dosagem de Produtos Químicos	17
Tabela 2 – Evolução das tecnologias de automação residencial ao longo dos anos. . .	21
Tabela 3 – Requisitos Funcionais do Sistema de Automação de Piscinas.	33
Tabela 4 – Requisitos Não Funcionais do Sistema de Automação de Piscinas. . . .	33

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	8
1.1	Objetivo Geral	9
1.2	Objetivos Específicos	9
2	FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	11
2.1	PISCINAS E SUA MANUTENÇÃO	11
2.1.1	HISTÓRICO E POPULARIZAÇÃO DAS PISCINAS	11
2.1.2	COMPONENTES BÁSICOS DE UMA PISCINA	12
2.1.3	NORMAS E PROCEDIMENTOS TÉCNICOS DE LIMPEZA MANUAL	14
2.1.4	PRODUTOS QUÍMICOS E ACESSÓRIOS USADOS NA LIMPEZA DE PISCINAS	17
2.2	FUNDAMENTOS DA AUTOMAÇÃO RESIDENCIAL	19
2.2.1	HISTÓRICO E EVOLUÇÃO DA AUTOMAÇÃO RESIDENCIAL . . .	20
2.2.2	CONCEITOS TÉCNICOS DE AUTOMAÇÃO RESIDENCIAL	21
2.2.2.1	COMPONENTES BÁSICOS	23
2.3	FERRAMENTAS UTILIZADAS PARA AUTOMAÇÃO	24
2.3.1	COMPONENTES FÍSICOS E DE CONTROLE (HARDWARE) . . .	24
2.3.2	FERRAMENTAS DE SOFTWARE E METODOLOGIAS DE DESENVOLVIMENTO	27
3	DESENVOLVIMENTO	31
3.1	Tipo de Pesquisa e Etapas de Construção	31
3.2	Processo de Desenvolvimento de Software	31
3.3	Fase de Concepção (<i>Inception</i>)	32
3.4	Fase de Elaboração (<i>Elaboration</i>)	33
3.5	Fase de Construção (<i>Construction</i>)	39
3.6	Fase de Transição (<i>Transition</i>)	39
4	RESULTADOS E DISCUSSÃO	40
	REFERÊNCIAS	41

1 INTRODUÇÃO

O avanço tecnológico consolidou a automação como elemento essencial na otimização de processos produtivos. Desde a Primeira Revolução Industrial, no século XVIII, esse conceito evoluiu até o paradigma contemporâneo da Indústria 4.0, caracterizado pela integração entre sistemas ciberfísicos, sensoriamento inteligente e soluções digitais [Genyo \(2024\)](#). A relevância desse movimento é evidenciada por dados da Confederação Nacional da Indústria, segundo os quais 72% das empresas que implementaram tecnologias digitais registraram aumento de produtividade, enquanto 60% reduziram custos operacionais [CNI \(2022\)](#). A expansão desse cenário repercutiu no ambiente doméstico, onde dispositivos conectados, assistentes virtuais e sistemas inteligentes vêm ampliando o conceito de automação residencial. O setor apresenta crescimento expressivo: no Brasil, a automação residencial avançou 21,8% entre 2023 e 2024 [Report \(2024\)](#), e projeções globais estimam crescimento médio anual de 27,9% até 2032 [Elétrico \(2023\)](#). Dentro dessa perspectiva de expansão tecnológica, torna-se pertinente examinar áreas específicas do ambiente doméstico que permanecem fortemente dependentes de processos manuais, como a limpeza e a manutenção de piscinas.

Embora a automação residencial se consolide em diversos domínios, a manutenção de piscinas residenciais ainda é majoritariamente manual, exigindo do usuário conhecimento sobre parâmetros físico-químicos da água, dosagens de produtos, cálculo de volume e identificação visual de anomalias. Essas atividades, quando executadas sem precisão, podem gerar desperdício de água e energia, uso inadequado de substâncias químicas e custos elevados de manutenção. Além disso, falhas na dosagem ou na análise dos parâmetros podem comprometer a saúde dos usuários e o desempenho dos equipamentos. Nesse contexto, formula-se o seguinte problema de pesquisa: como desenvolver um sistema automatizado capaz de realizar a limpeza e a manutenção de piscinas residenciais, reduzindo a intervenção manual e promovendo eficiência, segurança e sustentabilidade no processo?

A partir desse questionamento, estabelece-se a seguinte hipótese central: a integração entre sensores, atuadores e controladores microprocessados, associados a tecnologias de automação e Internet das Coisas (IoT), possibilita monitorar parâmetros essenciais da água — como pH, temperatura, turbidez e nível — e acionar automaticamente equipamentos de tratamento, garantindo maior precisão na manutenção e minimizando erros humanos. Presume-se, portanto, que um sistema automatizado possa otimizar recursos, aprimorar a qualidade da água e assegurar um processo contínuo e confiável. Se confirmada, essa hipótese reforça a necessidade de investigar sua aplicabilidade técnica, econômica e operacional.

A justificativa para o desenvolvimento deste estudo fundamenta-se em três dimen-

sões complementares. A dimensão social envolve a necessidade de preservar a saúde do usuário, considerando que procedimentos inadequados de tratamento da água podem gerar riscos sanitários. A dimensão ambiental relaciona-se ao uso racional de água e energia, uma vez que a automação tende a reduzir ciclos excessivos de filtragem e dosagens inadequadas de produtos químicos. Já a dimensão tecnológica evidencia uma lacuna no campo acadêmico: apesar do crescimento da automação residencial, há poucos estudos voltados especificamente à manutenção automatizada de piscinas, tema que permanece subexplorado tanto no cenário nacional quanto internacional. Assim, justificam-se os esforços em desenvolver e avaliar um sistema que integre automação, IoT e métodos de controle aplicados a esse contexto.

1.1 OBJETIVO GERAL

Desenvolver um sistema automatizado para limpeza e manutenção de piscinas residenciais, com capacidade de reduzir a intervenção manual, otimizar o uso de produtos químicos e promover economia de água e energia, integrando sensores, atuadores e dispositivos IoT ao processo.

1.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Minimizar erros operacionais durante o processo de limpeza por meio de automação e controle preciso de dosagem química.
- Proporcionar maior praticidade e segurança nas etapas de limpeza e monitoramento da piscina.
- Desenvolver uma solução de baixo custo que viabilize o acesso à automação para diferentes perfis socioeconômicos.
- Implementar a automação dos processos de filtragem, aquecimento, medição de pH, verificação de temperatura e análise de turbidez da água.
- Reduzir a dependência de serviços terceirizados de manutenção por meio da automação residencial inteligente.
- Projetar e testar um módulo de monitoramento de pH com sensores IoT integrados ao sistema de controle.
- Desenvolver e implementar um algoritmo de acionamento automático da bomba de filtragem com base nas variáveis de qualidade da água.

Com base nessa contextualização, observa-se que a automação aplicada à manutenção de piscinas representa um campo em expansão, mas ainda pouco explorado

academicamente. Para sustentar a proposta apresentada, o próximo capítulo reúne os fundamentos teóricos sobre piscinas e seus métodos tradicionais de tratamento, os princípios da automação residencial, as tecnologias empregadas em sistemas automatizados e os componentes necessários para integrar sensores e controladores inteligentes. Essa fundamentação constitui o embasamento conceitual indispensável para compreender as etapas metodológicas e o desenvolvimento do sistema proposto.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Este capítulo apresenta os fundamentos conceituais e técnicos que sustentam o desenvolvimento do sistema automatizado proposto. Inicialmente, descrevem-se os aspectos estruturais e os procedimentos de manutenção de piscinas, com ênfase nas práticas e parâmetros que orientam a qualidade da água. Em seguida, são expostos os princípios da automação residencial, os componentes e protocolos relevantes à integração de sensores e controladores, e, por fim, as ferramentas de hardware e software empregadas no projeto. A seleção e a organização dos tópicos procuram estabelecer a base teórica necessária para justificar escolhas de projeto e para interpretar os resultados apresentados nos capítulos subsequentes.

2.1 PISCINAS E SUA MANUTENÇÃO

A compreensão da automação aplicada à manutenção de piscinas exige o entendimento prévio de sua estrutura física, de seu funcionamento hidráulico e dos métodos tradicionais utilizados para preservar a qualidade da água. Esses elementos formam a base sobre a qual se fundamentam as etapas de monitoramento e controle automatizado, permitindo identificar quais parâmetros são passíveis de coleta e quais processos podem ser otimizados com o uso de sensores e atuadores. Para isso, esta seção apresenta um panorama histórico das piscinas, descreve seus componentes estruturais e discute os procedimentos manuais de limpeza — físicos e químicos — que orientam a manutenção convencional. A partir dessa exposição, evidenciam-se as limitações dos métodos tradicionais e a necessidade de soluções automatizadas.

2.1.1 HISTÓRICO E POPULARIZAÇÃO DAS PISCINAS

O termo piscina deriva do latim *piscis*, utilizado para designar reservatórios destinados à recreação, natação, rituais ou uso coletivo [Piscinas \(2025\)](#). Existem registros de tanques de banho que remontam a aproximadamente 2600 a.C., como os “Grandes Banhos de Mohenjodaro”, cuja função possivelmente se relacionava a práticas ceremoniais. Conforme ilustrado na [Figura 1](#), trata-se de uma das primeiras estruturas documentadas que apresentam características semelhantes às piscinas contemporâneas. Ao longo dos séculos, diferentes civilizações desenvolveram estruturas semelhantes, adaptadas a necessidades sociais, culturais e recreativas.

Com o avanço tecnológico do século XX, o uso de materiais como gunite — mistura de cimento, areia e água — e a incorporação de sistemas de filtração e cloração possibilitaram a manutenção contínua da água, sem necessidade de esvaziamento recorrente

Fibratec (2021). Tais inovações contribuíram para a popularização das piscinas residenciais e demandaram o desenvolvimento de práticas de manutenção física e química, que servem de referência para os sistemas automatizados contemporâneos.

Figura 1 – Primeiro registro histórico de piscina – “Grandes Banhos de Mohenjodaro”.



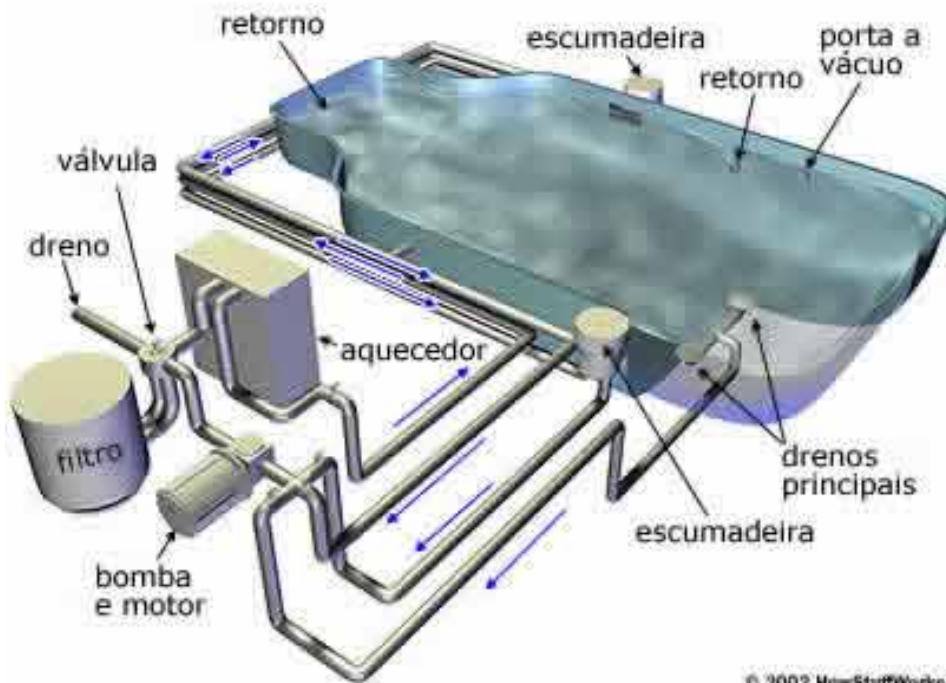
Fonte: ([FIBRATEC, 2021](#)).

A seguir, apresentam-se os principais componentes estruturais que permitem o funcionamento de uma piscina moderna e que, futuramente, serão integrados à automação.

2.1.2 COMPONENTES BÁSICOS DE UMA PISCINA

Segundo Harris (2025), as piscinas residenciais e públicas, apesar das diferenças de tipologia e porte, compartilham um conjunto de elementos funcionais que garantem a circulação, filtragem e tratamento da água. Esses componentes formam a estrutura hidráulica básica que permite a manutenção contínua da qualidade da água e o correto funcionamento de dispositivos auxiliares. A [Figura 2](#) apresenta uma visão geral desses elementos estruturais, destacando a bomba, o filtro, os drenos, as tubulações e os pontos de retorno, que compõem o ciclo de movimentação e purificação do volume total da piscina.

Figura 2 – Componentes estruturais básicos de uma piscina.



© 2002 HowStuffWorks

Fonte: ([HARRIS, 2025](#)).

A bomba motorizada cumpre a função central de impulsionar a água pelo sistema, enviando-a para as etapas de filtração e tratamento químico. Já o filtro, geralmente preenchido com areia ou elementos sintéticos, remove partículas sólidas, como poeira, folhas e microrganismos, garantindo maior transparência à água. Os drenos e skimmers são responsáveis pela coleta inicial da água, enquanto as tubulações de *PVC*¹ interligam todos os elementos hidráulicos, assegurando o fluxo contínuo. Em algumas configurações, incluem-se ainda aquecedores que regulam a temperatura da água, agregando conforto ao uso recreativo.

Além desses elementos fixos, a manutenção cotidiana envolve equipamentos manuais destinados à limpeza física da piscina. A Figura 3 reúne os principais acessórios utilizados nesse processo, como o aspirador de escova, a peneira, a escova de parede e o cabo telescópico, que permite alcançar regiões de difícil acesso. Segundo [Benedito et al. \(2024\)](#), esses instrumentos são indispensáveis para remover resíduos decantados, partículas flutuantes e biofilmes aderidos às paredes da piscina, constituindo o primeiro nível de intervenção antes do tratamento químico.

¹ Sigla para Poli(cloreto de vinila), um polímero termoplástico versátil, conhecido por sua durabilidade, resistência química e ampla utilização em tubos, conexões e revestimentos.

Figura 3 – Principais acessórios utilizados na limpeza física de piscinas.



Fonte: Adaptado de ([BENEDITO et al., 2024](#)).

A compreensão desses componentes, tanto estruturais quanto acessórios, é fundamental para o desenvolvimento de sistemas automatizados, uma vez que muitos dos processos realizados manualmente, como circulação, remoção de impurezas e monitoramento da qualidade da água, podem ser otimizados por meio de sensores, atuadores e controladores eletrônicos, tema aprofundado nos tópicos subsequentes.

2.1.3 NORMAS E PROCEDIMENTOS TÉCNICOS DE LIMPEZA MANUAL

A manutenção adequada de uma piscina não depende apenas dos equipamentos estruturais apresentados na seção anterior, mas também da aplicação criteriosa de normas e procedimentos técnicos que asseguram a qualidade sanitária da água. Conforme destaca [Ideia \(2025\)](#), a ausência de práticas corretas de limpeza pode resultar em diversos problemas de saúde, como dermatites, micoses e outras infecções, o que reforça a importância de um tratamento contínuo e devidamente monitorado. Para prevenir tais riscos, a Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT) estabelece parâmetros essenciais que orientam o controle físico e químico da água.

Diversos poluentes influenciam diretamente esses parâmetros, incluindo suor, urina, cabelos, óleos naturais da pele, insetos, folhas e formação de algas, conforme observa [Atcllor \(2021\)](#). Esses elementos alteram, sobretudo, o pH da água e a concentração de cloro, variáveis fundamentais para garantir segurança aos usuários. Segundo [Leite \(2020\)](#), o pH é um indicador que expressa a acidez ou alcalinidade do fluido, variando entre valores menores que 7 (ácidos) e maiores que 7 (alcalinos). A [Figura 4](#) apresenta a

faixa recomendada para piscinas, entre 7,2 e 7,8, parâmetro indispensável para prevenir irritações e preservar a integridade dos equipamentos.

Figura 4 – Faixa de pH



Fonte: ([ATCLLLOR, 2021](#))

Embora a limpeza física, obtida por escovas, redes ou aspiradores, remova apenas impurezas visíveis, ela é insuficiente para eliminar substâncias dissolvidas, como suor, urina e óleos, que permanecem em suspensão ou solução e ultrapassam a capacidade de retenção dos filtros [Atclllor \(2021\)](#). Por esse motivo, a manutenção adequada deve integrar procedimentos químicos eficazes, de modo a combater microrganismos e restabelecer o equilíbrio da água.

Além disso, uma piscina considerada limpa precisa atender a critérios objetivos, como a ausência de bactérias do grupo coliforme ou *Staphylococcus aureus*², boa visibilidade do fundo e superfície livre de sujeiras, conforme determinado por [Atclllor \(2021\)](#) e pelas normas sanitárias vigentes. Esses requisitos reforçam que a manutenção envolve mais do que a aparência da água, exigindo uma análise sistemática dos parâmetros fisicoquímicos.

A determinação da quantidade de produtos necessários para o tratamento também depende do conhecimento da área e do volume da piscina, que variam de acordo com seu formato geométrico. Como apresentado nas equações desta seção, diferentes fórmulas são aplicadas em piscinas retangulares, circulares ou ovais, incluindo casos em que o fundo é inclinado, nos quais se considera a profundidade média. Esses cálculos garantem precisão na dosagem e evitam desperdícios, além de evitar desequilíbrios químicos que comprometeriam o processo de desinfecção. O dimensionamento da piscina é fundamental para determinar a quantidade adequada de produtos químicos e garantir uma higienização eficiente, sem excessos ou falhas de tratamento. O cálculo da área e do volume varia conforme o formato da piscina, sendo possível aplicar diferentes fórmulas geométricas para cada tipo de estrutura.

² Bactéria coco Gram-positiva, frequentemente encontrada na pele e nas fossas nasais humanas, responsável por infecções de gravidade variável.

Piscina Retangular

$$A = \text{comprimento} \times \text{largura}$$

$$V = \text{comprimento} \times \text{largura} \times \text{profundidade}$$

Piscina Circular

$$A = \pi r^2$$

$$V = \pi r^2 h$$

Piscina Oval (Elíptica)

$$A = \pi \cdot \frac{a}{2} \cdot \frac{b}{2}$$

$$V = A \cdot h$$

Nos casos em que a piscina possui fundo inclinado, a profundidade considerada deve ser a média entre a parte mais rasa e a mais funda:

$$h_m = \frac{h_{\text{maior}} + h_{\text{menor}}}{2}$$

Com o volume da piscina devidamente determinado, é possível avançar para as etapas que compõem o tratamento químico da água. Segundo Silva (2021) , o tratamento completo da água segue uma sequência de cinco etapas — oxidação, coagulação e floculação, decantação, filtração e correção do pH — semelhante aos processos utilizados em estações industriais de tratamento de água. Na oxidação, adiciona-se cloro para eliminar matéria orgânica e facilitar a remoção de metais como ferro e manganês. Em seguida, agentes coagulantes, como sulfato de alumínio ou cloreto férreo, desestabilizam partículas suspensas, que posteriormente se agrupam durante a fase de floculação. A decantação deposita essas partículas no fundo da piscina; após isso, o filtro retém as impurezas acumuladas. Por fim, realiza-se a correção do pH, garantindo estabilidade química e prevenindo tanto a corrosão das tubulações quanto danos aos usuários.

Diante do exposto, torna-se evidente que a eficácia da manutenção depende da combinação entre limpeza física, tratamento químico e observância rigorosa das normas técnicas. Essa organização sistemática permite manter a água limpa, balanceada e saudável, estabelecendo as condições necessárias para a etapa seguinte deste trabalho: a análise dos produtos químicos e acessórios empregados na limpeza, abordados detalhadamente na subseção 2.1.4.

2.1.4 PRODUTOS QUÍMICOS E ACESSÓRIOS USADOS NA LIMPEZA DE PISCINAS

O tratamento adequado e corretamente executado durante a limpeza de uma piscina, tanto físico quanto químico, é essencial para assegurar a qualidade da água e prevenir infecções ou doenças de origem hídrica. Dessa forma, é fundamental compreender quais produtos utilizar, como aplicá-los corretamente e qual o método mais eficiente para a realização do tratamento físico.

A manutenção química da água depende da correta escolha, dosagem e aplicação de produtos destinados ao controle dos parâmetros físico-químicos. Segundo [Atcllor \(2021\)](#), esses produtos atuam no ajuste do pH, na estabilização da alcalinidade, na desinfecção da água e na remoção de partículas e metais dissolvidos. A [Tabela 1](#) apresenta uma tabela de dosagem que orienta a aplicação dos principais agentes químicos utilizados na rotina de manutenção.

Tabela 1 – Tabela de Dosagem de Produtos Químicos

TABELA DE DOSAGEM	PRODUTO	APLICAÇÃO	DOSAGEM 1.000 Litros	VOLUME PISCINA (LITROS)							
				10	20	30	40	50	60	70	80
AJUSTE	Elevador Alcalinidade (Bicarbonato)	Sempre que Necessário	20 grs	200	400	600	800	1.000	1.200	1.400	1.600
	pH + (Líquido) pH 6.8 – 7.0		15 ml	150	300	450	600	750	900	1.050	1.200
	pH + (Líquido) pH abaixo 6.8		20 ml	200	400	600	800	1.000	1.200	1.400	1.600
	Elevador pH (Barrilha) pH 6.8 – 7.0		10 grs	100	200	300	400	500	600	700	800
	Elevador pH (Barrilha) pH abaixo 6.8		20 grs	200	400	600	800	1.000	1.200	1.400	1.600
	pH- (Líquido)		10 ml	100	200	300	400	500	600	700	800
SANITIZAÇÃO	Cloro Tradicional 65%	2x a 3x Semana	4 grs	40	80	120	160	200	240	280	320
	Dicloro Estabilizado 50% - 55%		4 grs	40	80	120	160	200	240	280	320
	Cloro 3x1/ Multiação 40%- 42%		5 grs	50	100	150	200	250	300	350	400
	Cloro Líquido 12%		100 ml	1 L.	2 L.	3 L.	4 L.	5 L.	6 L.	7 L.	8 L.
CLARIFICAÇÃO DECANTAÇÃO	Clarificante Líquido	1x Semana	4 ml	40	80	120	160	200	240	280	320
	Sulfato de Alumínio		30 grs	300	600	900	1.200	1.500	1.800	2.100	2.400
ÁGUA VERDE OU METAIS	Sulfato de Cobre	1x Semana	2 grs	20	40	60	80	100	120	140	160
	Algicida Manutenção		5 ml	50	100	150	200	250	300	350	400
	Algicida Choque	Sempre que Necessário	7 ml	70	140	210	280	350	420	490	560
	Genquest / Sol. Água Poço		20 ml	200	400	600	800	1.000	1.200	1.400	1.600

Fonte: ([ATCLLLOR, 2021](#)).

Os produtos empregados no tratamento químico incluem:

- **Elevador de alcalinidade:** eleva a alcalinidade total, garantindo estabilidade ao pH.
- **Barrilha e pH+:** utilizados para elevar o pH quando este se encontra abaixo do ideal.

- **Redutor de pH (pH-):** empregados para diminuir o pH quando a água está excessivamente alcalina.
- **Hipoclorito de sódio, cloro, dicloro, multiação:** agentes sanitizantes responsáveis pela desinfecção.
- **Sulfato de alumínio e clarificantes:** agentes de coagulação e decantação.
- **Sulfato de cobre e algicida:** utilizados para combater a proliferação de algas.
- **Removedores de metais (Genquest, solução para água de poço):** eliminam manchamentos causados por íons metálicos.

A aplicação correta desses produtos depende da medição sistemática dos parâmetros da água. Para isso, utilizam-se estojos de análise específicos, capazes de identificar valores de pH, alcalinidade e teor de cloro. A Figura 5 apresenta um exemplo de estojo de análise utilizado na avaliação da qualidade da água.

Figura 5 – Estojo para Análise de Parâmetros Químicos da Água



Fonte: ([GENCO®](#), 2025).

Os valores obtidos nas análises orientam a escolha dos produtos a serem aplicados. Caso o pH esteja abaixo de 7,0, recomenda-se o uso de barrilha ou elevador de pH. Se a alcalinidade estiver reduzida, utiliza-se o elevador de alcalinidade. Quando o teor de cloro estiver baixo, adiciona-se cloro líquido ou granulado, conforme a dosagem apresentada anteriormente.

A turbidez é um dos principais indicadores da necessidade de tratamento químico. Em situações de água opaca, recomenda-se o uso de clarificantes. Quando a água apresenta

partículas em suspensão, aplicam-se procedimentos de floculação ou decantação, geralmente realizados com sulfato de alumínio.

Após a aplicação dos produtos, é necessário aguardar entre 6 e 12 horas antes de iniciar a aspiração do fundo da piscina, garantindo assim a eficácia das reações químicas.

Com a compreensão desses produtos e procedimentos, evidencia-se a complexidade do tratamento manual, o que reforça a necessidade de soluções tecnológicas baseadas em automação residencial, assunto abordado na próxima seção.

2.2 FUNDAMENTOS DA AUTOMAÇÃO RESIDENCIAL

Após compreender os aspectos estruturais e os métodos tradicionais de manutenção de piscinas, torna-se necessário examinar os princípios da automação residencial, uma vez que o sistema proposto se insere nesse contexto tecnológico. Este tópico aborda a evolução histórica da automação aplicada ao ambiente doméstico, seus conceitos técnicos, componentes essenciais e protocolos de comunicação, que viabilizam o controle remoto e inteligente de diferentes dispositivos. Essa fundamentação permite compreender como as tecnologias emergentes podem ser aplicadas para aprimorar processos cotidianos, incluindo a manutenção automatizada de piscinas.

A automação residencial consiste na integração de sistemas tecnológicos destinados ao controle e à otimização de funções domésticas, como segurança, iluminação, climatização e comunicação. Essa integração, também conhecida como domótica³, tem como propósito aprimorar o conforto, a segurança e a eficiência energética das residências (MURATORI; BÓ, 2011).

O principal objetivo da automação residencial é proporcionar comodidade e segurança aos usuários, por meio do acionamento remoto e da integração de dispositivos inteligentes (DAGOSTIM; JORGE, 2022).

A automação residencial é composta por um conjunto de benefícios fundamentais que estruturam o conceito de casa inteligente. Entre seus principais pilares, destacam-se:

- **Conforto:** tem como objetivo facilitar tarefas cotidianas, permitindo ao usuário controlar dispositivos como lâmpadas, ar-condicionados e sistemas de irrigação de forma remota (DAGOSTIM; JORGE, 2022).
- **Segurança:** a integração de câmeras, fechaduras eletrônicas e sensores de presença possibilita o monitoramento remoto da residência, reforçando a proteção e a praticidade (DAGOSTIM; JORGE, 2022).

³ Domótica: conjunto de tecnologias voltadas à automação e ao controle inteligente de ambientes residenciais.

- **Economia:** a automação contribui para o uso racional de energia, com sistemas capazes de desligar lâmpadas automaticamente e ajustar a climatização conforme a necessidade, evitando desperdícios e promovendo maior eficiência energética (DAGOSTIM; JORGE, 2022).

Para que a automação funcione de forma adequada, é necessário que os dispositivos possuam conectividade, acesso à internet e capacidade de comunicação com um sistema central de controle, responsável pela coleta e troca de informações entre os equipamentos.

Praticamente todos os aparelhos eletrônicos que possuem algum tipo de acionamento podem ser automatizados, como sistemas de iluminação, portões, climatização e segurança. Esses dispositivos são conectados a uma central de controle, que pode ser acessada por meio de um *display touch*⁴, localizado na própria central, aplicativos para smartphones ou comandos de voz (DAGOSTIM; JORGE, 2022).

2.2.1 HISTÓRICO E EVOLUÇÃO DA AUTOMAÇÃO RESIDENCIAL

A automação residencial, embora recente quando comparada a outras áreas tecnológicas, apresenta avanços significativos ao longo das últimas décadas. Na década de 1970, surgiram nos Estados Unidos os primeiros módulos inteligentes baseados na transmissão de dados pela rede elétrica doméstica, utilizando a tecnologia PLC (*Power Line Communication*) Muratori e Bó (2011). Essa inovação marcou o início da integração entre dispositivos elétricos e sistemas de comunicação, permitindo que comandos simples fossem enviados por meio da fiação já existente.

Com o avanço da informática, o aprimoramento dos sistemas embarcados e a popularização da internet, a automação residencial passou a incorporar dispositivos capazes de monitorar e controlar equipamentos à distância, consolidando o conceito contemporâneo de residência conectada. Esse movimento possibilitou o desenvolvimento de soluções cada vez mais acessíveis e eficientes, ampliando o uso de sistemas inteligentes em diferentes ambientes domésticos.

A Tabela 2 apresenta a evolução de algumas das principais tecnologias utilizadas na automação residencial ao longo dos anos, evidenciando o crescimento expressivo de funcionalidades como monitoramento de segurança, controle de iluminação, sistemas de áudio distribuído e gerenciamento energético.

⁴ *Display touch*: superfície sensível ao toque que permite interação direta com o sistema.

Tabela 2 – Evolução das tecnologias de automação residencial ao longo dos anos.

Tecnologia	2003	2004	2005	2006	2015(*)
Cabeamento estruturado	42%	61%	49%	53%	80%
Monitoramento de segurança	18%	28%	29%	32%	81%
Multiroom audio	9%	12%	15%	16%	86%
Home Theater	9%	8%	11%	12%	86%
Controle de iluminação	1%	2%	6%	8%	75%
Automação integrada	0%	2%	6%	6%	70%
Gerenciamento de energia	1%	5%	11%	11%	62%

Fonte: (MURATORI; BÓ, 2011).

Ao compreender a evolução histórica e o crescimento das tecnologias aplicadas ao ambiente doméstico, torna-se possível identificar os fundamentos que sustentam os sistemas automatizados contemporâneos. O avanço dessas soluções evidencia uma trajetória marcada pela ampliação da conectividade, pela integração entre diferentes dispositivos e pela busca crescente por eficiência, conforto e segurança.

No próximo tópico, são apresentados os principais conceitos e componentes que constituem a base dos sistemas de automação, incluindo controladores, sensores, atuadores e protocolos de comunicação. Esses elementos são essenciais para compreender o funcionamento e a integração entre os dispositivos que possibilitam a automação em ambientes residenciais.

2.2.2 CONCEITOS TÉCNICOS DE AUTOMAÇÃO RESIDENCIAL

Tecnicamente denominada domótica⁵, a automação residencial tem como principal objetivo acionar, monitorar, integrar e controlar diferentes variáveis de uma residência, como iluminação, climatização, áudio e vídeo, a fim de promover eficiência, comodidade e segurança ao usuário Oliveira e Alves (2019). No Brasil, o termo mais utilizado é automação residencial, uma tradução derivada da expressão americana *home automation*. Apesar disso, essa tradução não abrange plenamente a concepção de domótica, que envolve não apenas o controle remoto, mas a integração inteligente de sistemas.

O uso de tecnologias residenciais tem crescido de maneira expressiva no país; entretanto, o setor da construção civil ainda não acompanha plenamente o ritmo de evolução observado em áreas como a indústria automotiva, que já emprega amplamente tecnologias embarcadas⁶ Hipólito e SILVA (2018). Essa diferença evidencia a necessidade

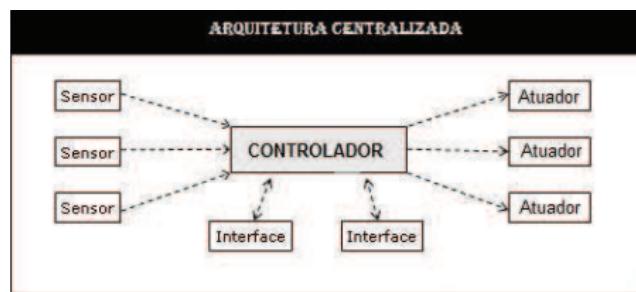
⁵ Domótica: termo que designa a integração de tecnologias destinadas ao controle inteligente de ambientes residenciais.

⁶ Tecnologia embarcada: computador especializado, composto por hardware e software dedicados, integrados a um sistema maior para execução de funções específicas.

de maior disseminação dos conceitos técnicos que sustentam a automação no ambiente doméstico.

De acordo com Accardi e Dodonov (2012), a forma como os componentes de um sistema residencial se comunicam depende diretamente da arquitetura adotada, que pode ser centralizada ou descentralizada. Em uma arquitetura centralizada, todos os dispositivos se conectam a um único controlador principal, responsável por processar e executar todas as ações do sistema; esse arranjo é ilustrado na Figura 6. Essa configuração exige que o controlador possua alta capacidade de processamento e confiabilidade operacional.

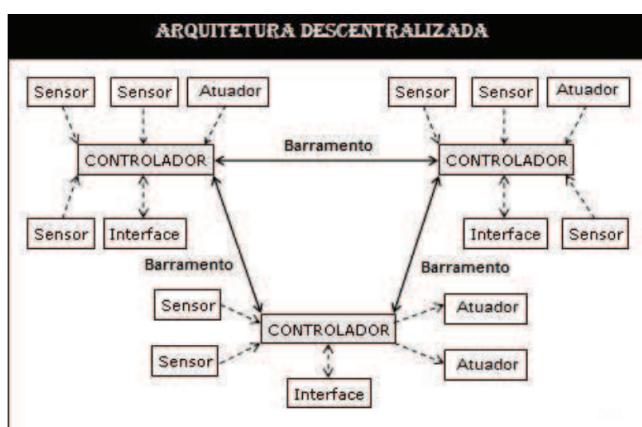
Figura 6 – Arquitetura centralizada de automação residencial



Fonte: (HIPÓLITO; SILVA, 2018).

Na arquitetura descentralizada, diferentes controladores coexistem e se comunicam entre si por meio de um barramento de dados⁷, compartilhando o gerenciamento dos dispositivos interconectados; esse modelo encontra-se esquematizado na Figura 7. O modelo descentralizado distribui a responsabilidade entre múltiplos módulos, reduzindo a dependência de um único ponto de falha e aumentando a flexibilidade da instalação.

Figura 7 – Arquitetura descentralizada de automação residencial



Fonte: (HIPÓLITO; SILVA, 2018).

⁷ *Barramento de dados:* sistema de comunicação que permite a troca de informações entre dispositivos sem depender de um ponto central de controle.

A compreensão dessas arquiteturas é essencial para o desenvolvimento e a implementação de sistemas automatizados, pois define a maneira como os dispositivos se organizam, trocam informações e executam comandos. Nas seções seguintes, serão apresentados os principais conceitos e componentes técnicos que constituem a base dos sistemas de automação residencial, incluindo controladores, sensores, atuadores e protocolos de comunicação.

2.2.2.1 COMPONENTES BÁSICOS

A automação residencial é composta por diversos elementos que, em conjunto, permitem o controle eficiente dos dispositivos instalados no ambiente doméstico. Esses componentes vão desde sensores simples até centrais complexas de automação. A seguir, são apresentados os principais elementos que estruturam essa tecnologia.

- **Camadas de dispositivos:**

1. **Sensores:** Segundo Leite (2020), o sensor é um dispositivo sensível ao ambiente no qual está inserido, capaz de detectar alterações em variáveis como temperatura, luminosidade ou movimento. Sua função consiste em captar essas mudanças e convertê-las em sinais elétricos que possam ser interpretados por um controlador e posteriormente utilizados pela rede de automação.
 2. **Atuadores:** São dispositivos eletromecânicos acionados pelo sistema para executar funções específicas, como ativar lâmpadas, fechaduras magnéticas, motores, válvulas ou sirenes (HIPÓLITO; SILVA, 2018). O atuador materializa a ação física determinada pela lógica programada.
 3. **Controladores:** Responsáveis por monitorar os dados coletados pelos sensores e acionar os respectivos atuadores conforme a lógica definida. O controlador pode operar como módulo independente ou integrar-se a centrais mais complexas (HIPÓLITO; SILVA, 2018).
 4. **Interfaces:** Dispositivos que permitem ao usuário interagir com o sistema automatizado, como painéis digitais, páginas web, aplicativos móveis ou assistentes de voz (ACCARDI; DODONOV, 2012). Essas interfaces constituem a camada de acesso humano ao sistema.
- **Camada de comunicação/rede:** Segundo Accardi e Dodonov (2012), a comunicação entre os dispositivos ocorre por meio de protocolos, que funcionam como acordos que definem regras e padrões para a troca de informações. Assim, o protocolo estabelece como os equipamentos interagem entre si dentro do sistema.

Entre os protocolos mais utilizados em automação residencial estão Ethernet, X-10, HomePNA e Wi-Fi. Alguns foram desenvolvidos especificamente para ambientes residenciais, enquanto outros derivam de aplicações industriais ou comerciais.

- **Camada de controle/automação lógica:** Também denominada central de automação, essa camada representa o núcleo lógico do sistema, responsável por gerenciar os dispositivos conectados. Ela processa os dados recebidos e executa ações conforme as instruções programadas.

A configuração da central é realizada por meio de software dedicado, acessado a partir de computadores ou dispositivos móveis. Essa estrutura é escalável⁸, permitindo a adição contínua de novos dispositivos conforme a necessidade de expansão.

Nesse contexto, o próximo capítulo apresenta o desenvolvimento de um sistema automatizado para limpeza de piscinas, aplicando os conceitos estudados e demonstrando como a integração entre hardware e software pode oferecer uma solução segura, eficiente e inovadora para a manutenção residencial.

2.3 FERRAMENTAS UTILIZADAS PARA AUTOMAÇÃO

Esta seção apresenta as principais ferramentas, dispositivos e tecnologias empregadas no desenvolvimento do sistema automatizado proposto, abrangendo tanto os componentes físicos de hardware quanto as plataformas de controle utilizadas na integração entre sensores, atuadores e algoritmos de decisão.

2.3.1 COMPONENTES FÍSICOS E DE CONTROLE (HARDWARE)

O sistema de automação requer componentes capazes de processar informações, interagir com o ambiente físico, executar ações mecânicas e realizar medições em tempo real. Entre esses elementos estão plataformas de prototipagem, microcomputadores, sensores especializados e atuadores eletromecânicos.

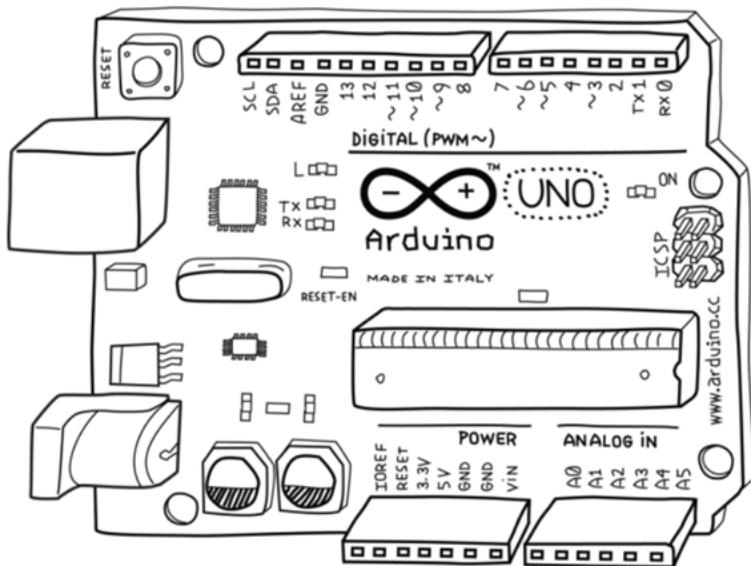
Arduino

Segundo Silva e Fernandes (2025), o Arduino é uma plataforma de prototipagem eletrônica de código aberto que permite o desenvolvimento de projetos simples ou complexos de forma acessível. Seu caráter open-source possibilitou a formação de uma comunidade global de desenvolvedores, tornando-o um dos elementos centrais da cultura maker. Essa cultura, por sua vez, deriva do movimento *Do It Yourself* (DIY), que incentiva a criação de projetos próprios com o uso de ferramentas acessíveis, como impressoras 3D e microcontroladores (BROCKVELD; TEIXEIRA; SILVA, 2017).

⁸ Escalável: característica de sistemas capazes de aumentar sua capacidade ou complexidade sem perda de desempenho.

A placa Arduino é composta por diversos componentes, sendo o microcontrolador o núcleo responsável pelo processamento das instruções. Conforme destaca Massimo Banzi, um dos criadores da plataforma, o Arduino é consideravelmente menos potente que um computador convencional, porém extremamente útil para construção de dispositivos interativos dada sua simplicidade, baixo custo e modularidade (SILVA; FERNANDES, 2025).

Figura 8 – Placa Arduino Uno com pinos digitais e analógicos



Fonte: (SILVA; FERNANDES, 2025).

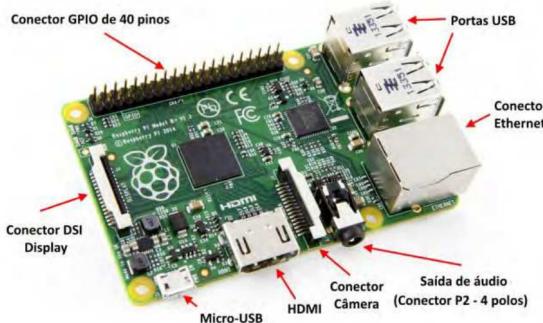
A Figura 15 apresenta o Arduino Uno, que possui 14 pinos digitais e 6 pinos analógicos, permitindo a conexão com uma variedade de sensores e atuadores, possibilitando a interação direta entre o sistema e o ambiente físico.

Raspberry Pi

De acordo com Jucá e Pereira (2018), o Raspberry Pi é considerado um dos menores computadores do mundo, apresentando dimensões semelhantes às de um cartão de crédito. O dispositivo inclui porta HDMI⁹, portas USB, pinos de conexão GPIO, entrada Ethernet, conector P2 para áudio, módulo Wi-Fi e Bluetooth integrados.

⁹ *High-Definition Multimedia Interface*: interface digital para transmissão de áudio e vídeo em alta definição.

Figura 9 – Raspberry Pi Modelo B+



Fonte: ([JUCÁ; PEREIRA, 2018](#)).

O hardware do Raspberry Pi funciona de maneira integrada em uma única placa, o que reduz custos e possibilita que o dispositivo execute diversas funções de um computador convencional, como acesso à internet, edição de textos e reprodução de vídeos. Além disso, seus pinos GPIO permitem interação com sensores, possibilitando aplicações em automação e sistemas embarcados.

Sensores Específicos

Os sensores desempenham papel fundamental na automação, pois realizam a leitura de variáveis físicas ou químicas e as convertem em sinais elétricos interpretáveis pelo sistema. Entre os sensores utilizados no projeto, destacam-se:

- **Sensor de Temperatura:** segundo [Leite \(2020\)](#), identifica variações térmicas em equipamentos ou processos, permitindo ajustes automáticos conforme a condição medida.
- **Sensor de pH:** mede o nível de acidez ou alcalinidade da água, informação essencial para o controle químico em piscinas, lagos ou reservatórios ([LEITE, 2020](#)).
- **Sensor de Turbidez:** avalia o grau de turbidez de um líquido pela comparação entre um feixe de luz incidente e outro transmitido através de uma amostra ([CARDOSO, 2011](#)).
- **Sensor de Nível:** de acordo com [Souza \(2018\)](#), detecta a altura ou volume de líquidos ou materiais granulares em um reservatório, emitindo sinais conforme o nível varia.

Atuadores (Motores)

Os atuadores são responsáveis por executar ações físicas decorrentes das decisões tomadas pelo sistema. Em um ambiente automatizado, eles podem acionar bombas,

válvulas, motores, travas ou iluminação, de acordo com os dados enviados pelos sensores ou com comandos diretos do usuário (FLORÊNCIO, 2015).

No contexto da automação de piscinas, um exemplo de atuador é a bomba de água. Quando o sensor de nível identifica redução significativa no volume do reservatório, o controlador aciona a bomba para restabelecer o nível adequado. Da mesma forma, o usuário pode ativar manualmente o sistema por meio de uma interface digital.

As bombas de água utilizadas em sistemas residenciais funcionam, em sua maioria, de forma submersa, instaladas dentro do reservatório do filtro. Entre suas vantagens estão a facilidade de instalação e a operação silenciosa, uma vez que o corpo da bomba permanece submerso (LUCIFABIO et al., 2023).

Figura 10 – Bomba de água utilizada como atuador no sistema



Fonte: (LUCIFABIO et al., 2023).

A compreensão dos componentes físicos utilizados no sistema permite visualizar como sensores, controladores e atuadores interagem para formar uma estrutura automatizada funcional. No capítulo seguinte, apresenta-se o desenvolvimento do sistema proposto, evidenciando a integração entre hardware e software necessária para aprimorar o processo de limpeza de piscinas residenciais.

2.3.2 FERRAMENTAS DE SOFTWARE E METODOLOGIAS DE DESENVOLVIMENTO

Linguagens de programação, segundo Jesus (2025), constituem um conjunto de regras semânticas e sintáticas que permitem a comunicação de instruções a um computador. Por meio delas, o desenvolvedor define os dados utilizados, a forma de armazenamento e as ações que o sistema deve executar mediante condições específicas. Essas linguagens possibilitam a construção de programas, sites, aplicações móveis e diversos outros tipos de software.

No desenvolvimento de sistemas modernos, observa-se a divisão entre front-end e back-end. O front-end corresponde à camada visual e interativa com a qual o usuário mantém contato direto. Essa camada pode ser construída com HTML, CSS e JavaScript, bem como com frameworks como React, que ampliam a produtividade e a modularidade do processo de desenvolvimento Júnior et al. (2025). Já o back-end, conforme Calça (2022), é responsável por toda a infraestrutura lógica que sustenta as ações realizadas no front-end, incluindo autenticação, comunicação com o banco de dados e processamento de operações internas.

Java

A linguagem Java é amplamente utilizada no desenvolvimento de aplicações web e corporativas. Classificada como orientada a objetos e multiplataforma, apresenta desempenho, segurança e confiabilidade adequados para aplicações robustas, incluindo sistemas empresariais, tecnologias de servidor, aplicações móveis e soluções voltadas para big data (CALÇA, 2022).

Framework e Spring Boot

Segundo Calça (2022), um framework consiste em um conjunto estruturado de componentes reutilizáveis que oferece ao desenvolvedor uma base pré-configurada, reduzindo a necessidade de criação de código do zero. Entre os frameworks Java, destaca-se o Spring Boot, projetado para agilizar o desenvolvimento de aplicações back-end ao simplificar configurações iniciais e disponibilizar módulos integrados. O Spring Boot também possui compatibilidade com o Spring Security, o que facilita a implementação de mecanismos de autenticação e controle de acesso.

React

De acordo com Sousa (2025), React é uma biblioteca JavaScript criada pelo Facebook, voltada para o desenvolvimento de interfaces web interativas. Sua arquitetura baseada em componentes reutilizáveis permite maior organização e reaproveitamento de código, reduzindo o tempo de desenvolvimento e promovendo maior consistência visual e funcional no front-end.

Ambiente de Desenvolvimento Integrado do Arduino

O Ambiente de Desenvolvimento Integrado (IDE) do Arduino é responsável por compilar e enviar instruções para a placa microcontrolada. A IDE traduz o código escrito em linguagem de alto nível para instruções compreendidas pelo microcontrolador, permitindo desde operações simples, como acionar um LED, até o controle de bombas e motores a partir de dados coletados por sensores (SILVA; FERNANDES, 2025).

A interface da IDE é intuitiva, possibilitando que usuários com diferentes níveis de experiência desenvolvam seus projetos. Além disso, oferece ferramentas de compilação, verificação e comunicação com a placa, tornando-se essencial para a integração entre o ambiente digital e o físico.

Banco de Dados

Segundo [Date \(2004\)](#), um banco de dados é um sistema destinado ao armazenamento, organização e recuperação estruturada de informações. Ele permite inserir, consultar, atualizar e excluir registros conforme a necessidade da aplicação. Em um sistema de automação, o banco de dados pode armazenar parâmetros coletados por sensores, registros de operações, dados históricos e configurações do sistema, possibilitando um acompanhamento preciso do funcionamento do ambiente automatizado.

Engenharia de Software

A engenharia de software busca desenvolver sistemas de alta qualidade de maneira eficiente e econômica, aplicando princípios de engenharia ao processo de criação, manutenção e documentação do software ([VASCONCELOS et al., 2006](#)). Esse processo envolve diferentes etapas do ciclo de vida do software, desde a concepção até a implantação, que incluem análise, projeto, implementação, testes e manutenção.

Os engenheiros de software devem empregar abordagens sistemáticas e metodologias adequadas ao problema, às restrições e aos recursos disponíveis, de modo a aumentar a probabilidade de sucesso do projeto e garantir que o software atenda às necessidades dos usuários dentro do prazo e orçamento estabelecidos.

RUP

O Rational Unified Process (RUP), segundo [Piske \(2003\)](#), é uma metodologia estruturada de desenvolvimento de software baseada em práticas recomendadas (*best practices*) e voltada à redução de riscos durante o projeto. O RUP caracteriza-se por ser iterativo e incremental: o sistema é desenvolvido em ciclos sucessivos, nos quais novas funcionalidades são incorporadas ao produto [Moreira \(2025\)](#).

De acordo com [Vasconcelos \(2025\)](#), o RUP é composto por quatro fases principais:

- **Concepção:** definição do problema, escopo e objetivos fundamentais;
- **Elaboração:** modelagem dos casos de uso e arquitetura inicial;
- **Construção:** desenvolvimento e integração do software;
- **Transição:** testes práticos, avaliação de desempenho e ajustes finais.

Linguagem UML

Segundo Castro, Cruz e Oddone (2013), a Linguagem de Modelagem Unificada (UML) é um conjunto de notações destinado à representação visual de sistemas de software. Sua função é auxiliar na especificação, documentação e compreensão da estrutura e do comportamento do sistema. A UML atua como meio de comunicação entre analistas e usuários, aumentando a clareza na definição dos requisitos.

Entre os diversos tipos de diagramas existentes, o Diagrama de Casos de Uso é amplamente utilizado nas etapas iniciais, por permitir a representação das interações entre os usuários e o sistema de maneira clara e objetiva.

Diante das ferramentas e metodologias apresentadas, observa-se que o desenvolvimento de sistemas de automação exige a integração entre tecnologias de software, técnicas de engenharia e boas práticas metodológicas. Essa combinação permite construir soluções robustas, seguras e alinhadas às necessidades do usuário.

3 DESENVOLVIMENTO

3.1 TIPO DE PESQUISA E ETAPAS DE CONSTRUÇÃO

A pesquisa caracteriza-se como aplicada, de abordagem mista e natureza exploratória e experimental. Inicialmente, foi conduzido um estudo teórico sobre automação residencial, sensores, atuadores e controladores IoT, fundamentado em autores apresentados no Capítulo 2. Essa etapa permitiu compreender os processos físico-químicos envolvidos no tratamento da água, as normas sanitárias aplicáveis e os requisitos técnicos necessários para a integração entre hardware, software e dispositivos embarcados.

A motivação principal desta pesquisa surge das limitações significativas associadas à limpeza manual de piscinas, que envolvem uma série de desafios e riscos. Primeiramente, há o risco à saúde dos usuários, uma vez que a limpeza inadequada pode comprometer a qualidade da água, criando condições propícias para o crescimento de microrganismos prejudiciais à saúde. Além disso, a falta de precisão no momento de adicionar produtos químicos à piscina pode resultar no desperdício desses produtos, prejudicando tanto a eficácia do tratamento quanto gerando custos desnecessários. Por fim, a limpeza de piscinas ainda depende fortemente do conhecimento de quem realiza o processo, o que cria uma dependência de profissionais qualificados. Isso significa que, em muitas situações, indivíduos sem a experiência necessária precisam contar com a ajuda de outros, o que pode gerar dificuldades operacionais e inconsistências na qualidade da manutenção.

O levantamento bibliográfico incluiu artigos científicos, manuais técnicos, normas da ABNT e documentos da ANVISA, garantindo base técnica suficiente para orientar as decisões posteriores de arquitetura, modelagem e implementação do sistema. Os critérios escolhidos para seleção das fontes bibliográficas foram: a atualidade das informações, priorizando-se publicações dos últimos cinco anos para temas relacionados à tecnologia, mercado de automação e Internet das Coisas (*IoT*); a relevância técnica, com o uso de manuais de fabricantes e guias especializados para fundamentar os processos físico-químicos de tratamento da água; e a robustez teórica, buscando-se autores consolidados e trabalhos acadêmicos reconhecidos para embasar as metodologias de Engenharia de Software e arquitetura de sistemas.

3.2 PROCESSO DE DESENVOLVIMENTO DE SOFTWARE

Neste projeto, adotou-se o Rational Unified Process (RUP) como metodologia de desenvolvimento devido à sua estrutura iterativa e incremental, ao foco na mitigação de riscos e à ênfase na modelagem e documentação. Conforme exposto na fundamentação teórica, o RUP organiza o processo de engenharia de software em quatro fases principais:

Concepção, Elaboração, Construção e Transição. Cada fase apresenta objetivos específicos que orientam a evolução do sistema, garantindo rastreabilidade entre requisitos, arquitetura e implementação.

A escolha dessa metodologia consolida um fluxo contínuo durante o desenvolvimento, no qual cada artefato produzido em uma fase é responsável por validar a etapa seguinte. Dessa forma, o levantamento de requisitos realizado na fase de Concepção serve como base para a modelagem arquitetural na fase de Elaboração, com os diagramas orientando o desenvolvimento do sistema na fase de Construção. Por fim, a conformidade do software desenvolvido é verificada durante a fase de Transição.

As subseções seguintes descrevem cada etapa, destacando as atividades realizadas e sua relação com os artefatos produzidos.

3.3 FASE DE CONCEPÇÃO (*INCEPTION*)

Nesta fase, foram definidos o problema, o escopo inicial do projeto e os requisitos fundamentais. O problema identificado consiste na dificuldade encontradas por usuários no processo manual de manutenção de piscinas, devido à necessidade de medições constantes, cálculos físicos e químicos, além da possibilidade de desperdício de produtos decorrente da aplicação incorreta das dosagens.

A partir dessa análise, concebeu-se o sistema de automação com base nos seguintes objetivos: automatizar a leitura dos principais parâmetros da água; reduzir o uso inadequado de produtos químicos; otimizar o acionamento dos mecanismos de filtragem; e fornecer ao usuário meios de visualização e interação com os dados.

O levantamento de requisitos resultou nos seguintes requisitos funcionais e não funcionais, apresentados nas Tabelas 3 e 4, respectivamente.

Tabela 3 – Requisitos Funcionais do Sistema de Automação de Piscinas.

Código	Descrição
RF01	O sistema deve monitorar automaticamente os níveis de pH, turbidez, temperatura e nível da água.
RF02	O sistema deve acionar automaticamente a bomba de filtragem e o aquecedor conforme os parâmetros definidos ou coletados pelos sensores.
RF03	O sistema deve disponibilizar uma interface web para visualização dos parâmetros monitorados.
RF04	O sistema deve permitir o cadastro e armazenamento dos dados coletados no banco de dados.
RF05	O sistema deve permitir o cadastro de piscinas vinculadas a usuários.
RF06	O sistema deve emitir alertas quando algum parâmetro ultrapassar o limite ideal.
RF06	O sistema deve emitir gráficos de acordo com os últimos dados de determinadas parâmetros coletados.

Fonte: Autoria própria.

Tabela 4 – Requisitos Não Funcionais do Sistema de Automação de Piscinas.

Código	Descrição
RNF01	O sistema deve utilizar o banco de dados PostgreSQL para armazenamento das informações.
RNF03	A interface web deve ser responsiva e acessível em dispositivos móveis e desktops.
RNF04	A comunicação entre o microcontrolador e o servidor deve ocorrer de forma segura, utilizando protocolos HTTP.
RNF05	O sistema deve ser desenvolvido com o framework Spring Boot no back-end e React no front-end.

Fonte: Autoria própria.

As tecnologias selecionadas para atender ao escopo inicial incluíram o Raspberry Pi como dispositivo de controle, sensores de pH, nível e temperatura, o framework React para interface web e PostgreSQL como banco de dados. O uso do Spring Boot no *back-end* foi definido devido à sua robustez e integração com bibliotecas de segurança, conforme discutido na Seção 2.3.2.

3.4 FASE DE ELABORAÇÃO (*ELABORATION*)

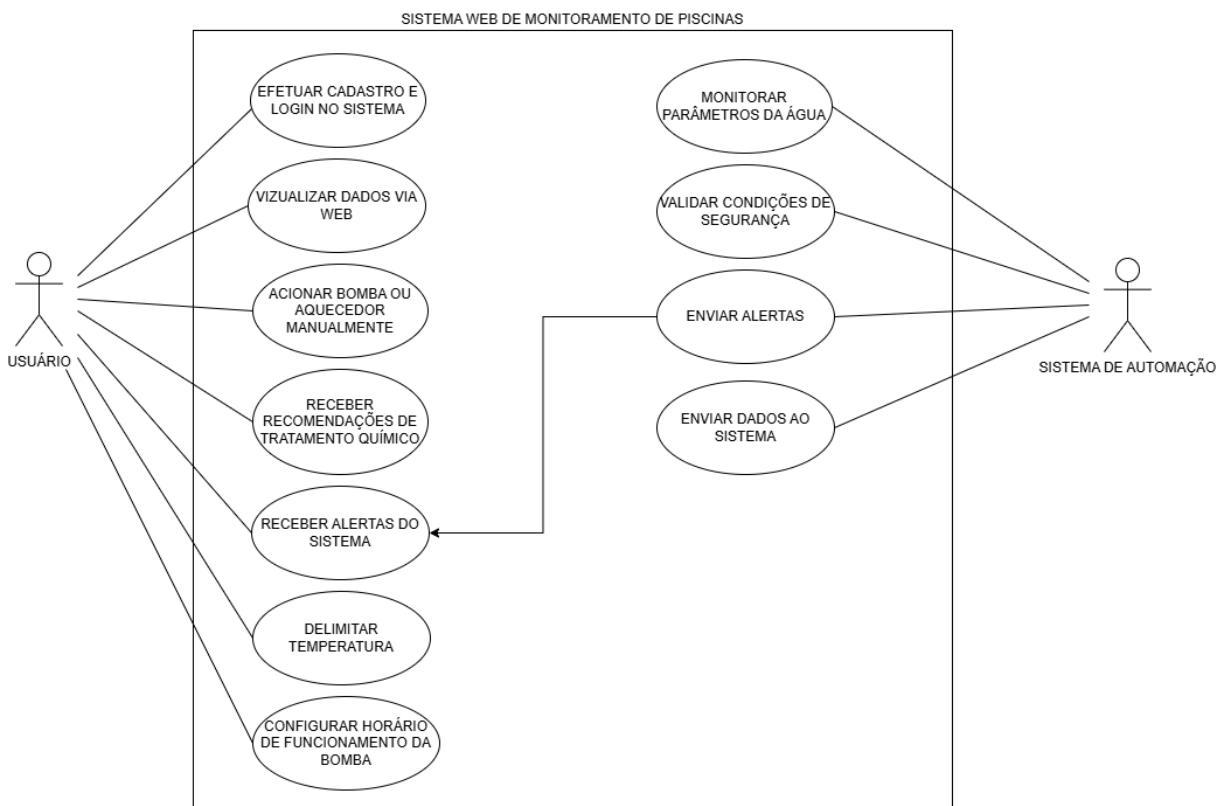
Nesta etapa foram definidos os artefatos estruturais do sistema, incluindo a modelagem dos casos de uso, a arquitetura de comunicação entre os dispositivos físicos e a especificação dos componentes embarcados que compõem o protótipo. Assim, esta

fase estabelece o vínculo entre os requisitos levantados na Concepção e a implementação realizada na fase de Construção, garantindo que o sistema seja desenvolvido com base em uma arquitetura validada e documentada.

Modelagem de Caso de Uso

O Diagrama de Caso de Uso, elaborado segundo a UML, fornece uma visão geral das interações entre os atores e as funcionalidades principais do sistema. Esse diagrama permite compreender como o usuário acessa as informações coletadas, como interage com o sistema e como os dispositivos físicos se integram às operações lógicas implementadas.

Figura 11 – Diagrama de Caso de Uso do Sistema



Fonte: Autor.

Arquitetura Geral do Sistema

O sistema foi concebido em uma arquitetura distribuída composta por sensores, um microcontrolador (Arduino), um microcomputador (Raspberry Pi), o *back-end* desenvolvido em Spring Boot e a interface web criada com React. O fluxo principal consiste em:

1. Coleta dos dados pelos sensores conectados ao Arduino;
2. Comunicação entre Arduino e Raspberry Pi para envio das leituras;
3. Envio periódico das informações ao servidor por meio de requisições HTTP;
4. Armazenamento dos dados no banco PostgreSQL;
5. Apresentação dos parâmetros ao usuário via interface web.

Essa arquitetura permite escalabilidade e desacoplamento entre as camadas, em conformidade com os princípios discutidos no [Capítulo 2](#).

Componentes Utilizados no Sistema

A seguir apresentam-se os componentes físicos selecionados para o desenvolvimento do protótipo, incluindo sensores, atuadores e microcontroladores. A apresentação destes elementos nesta fase é coerente com o RUP, uma vez que a Elaboração contempla a definição da arquitetura física e lógica do sistema.

Sensor de Temperatura

Figura 12 – Sensor de Temperatura MF58 (NTC 10K)

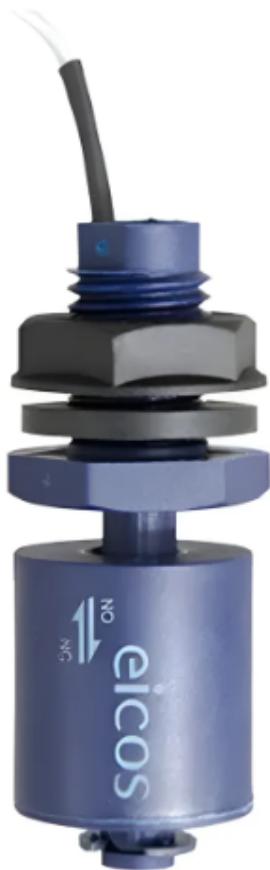


Fonte: ([INFINITO, 2025](#)).

O sensor selecionado para a medição da temperatura da água é o modelo MF58 (NTC 10K), um termistor cujo coeficiente de resistência decresce conforme a temperatura aumenta. A leitura é realizada por uma porta analógica do Arduino por meio de um divisor de tensão, permitindo a conversão da resistência em valores de temperatura.

Sensor de Nível

Figura 13 – Sensor de Nível LC26M-40



Fonte: ([EICOS, 2025](#)).

O sensor de nível utilizado é o modelo LC26M-40, fabricado em Polipropileno (PP). Seu funcionamento baseia-se em um interruptor magnético interno (*Reed Switch*), que altera seu estado conforme o flutuador se move com a variação do nível da água. O componente fornece um sinal digital tipo SPST, permitindo a identificação de nível crítico no reservatório.

Sensor de pH

O sensor de pH empregado no sistema realiza a medição da acidez da água da piscina. Os valores capturados são processados inicialmente no Arduino e enviados ao servidor para análise dos parâmetros e posterior recomendação de ajuste químico. A imagem será adicionada posteriormente, conforme previsto pelo aluno.

Bombas Submersas

Figura 14 – Bomba Submersa JT100



Fonte: ([INFINITO, 2025](#)).

Foram empregadas bombas submersas de 3 a 5V, modelo JT100, responsáveis pelo enchimento, filtragem e acionamento da cascata. O equipamento apresenta vazão de 1000 a 1500 ml/min e altura máxima de elevação de 1 metro. Suas dimensões reduzidas e facilidade de integração justificam sua escolha para este protótipo.

Arduino

Figura 15 – Placa Arduino Uno R3



Fonte: ([LIVRE, 2025](#)).

O Arduino Uno R3 foi selecionado como microcontrolador responsável pela leitura direta dos sensores e pelo acionamento dos atuadores. Sua ampla compatibilidade com bibliotecas abertas e a quantidade adequada de pinos digitais e analógicos possibilitam atender aos requisitos levantados na Concepção.

Raspberry Pi

Figura 16 – Raspberry Pi 3 Model B



Fonte: ([PI, 2025](#)).

O *Raspberry Pi 3 Model B* foi definido como o dispositivo intermediário entre o Arduino e o servidor. Seu processador quad-core, 1GB de RAM e compatibilidade com Linux permitem a execução de rotinas contínuas de envio de dados, comunicação co

3.5 FASE DE CONSTRUÇÃO (*CONSTRUCTION*)

Durante a fase de Construção, foram implementadas as funcionalidades definidas nos requisitos e modeladas na fase anterior. A integração entre sensores, o Arduino e o Raspberry Pi foi realizada progressivamente, conforme boas práticas sugerem para ambientes iterativos.

O desenvolvimento do código foi conduzido em duas camadas: a camada embarcada, responsável pela leitura e envio dos dados; e a camada de aplicação, que recebeu, armazenou e exibiu as informações aos usuários.

O Arduino, programado via IDE própria, capturou os parâmetros da água e acionou os atuadores quando necessário. O Raspberry Pi, utilizando scripts em Python, recebeu os dados do microcontrolador e os encaminhou ao servidor. O *back-end*, desenvolvido em Spring Boot, estruturou a API responsável pela comunicação, enquanto o *front-end* em React consolidou a interface de visualização.

3.6 FASE DE TRANSIÇÃO (*TRANSITION*)

Nesta fase, o sistema passou por testes práticos para validação do seu desempenho. Foram aplicados testes unitários nos sensores, incluindo calibração do NTC, verificação da estabilidade do sensor de nível e simulações de funcionamento crítico das bombas para evitar condições de *dry-run*. Testes de integração verificaram o fluxo completo de dados, desde a leitura até a exibição na interface.

Também foram realizados testes de responsividade da interface e de comunicação entre o servidor e o dispositivo embarcado. Os ajustes finais envolveram correções de algoritmos de conversão, ajustes de temporização e adequações na exibição gráfica dos dados.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

REFERÊNCIAS

- ACCARDI, A.; DODONOV, E. Automação residencial: elementos básicos, arquiteturas, setores, aplicações e protocolos. *Revista TIS*, v. 1, n. 2, 2012. Citado 2 vezes nas páginas 22 e 23.
- ATCLLOR. *Guia de Tratamento de Piscinas*. [S.l.], 2021. Disponível em: <<https://atcllor.com.br/download/Guia-do-Tratamento.pdf>>. Citado 3 vezes nas páginas 14, 15 e 17.
- BENEDITO, J. N. F. J. N. F. et al. Projeto: expansão de uma empresa prestadora de serviços em tratamento e limpeza de piscinas. 238, 2024. Disponível em: <<http://ric-cps.eastus2.cloudapp.azure.com/bitstream/123456789/28057/1/Empresa%20prestashop%20de%20servi%C3%A3os%20em%20tratamento%20e%20limpeza%20de%20piscinas%20-%20Expans%C3%A3o.pdf>>. Citado 2 vezes nas páginas 13 e 14.
- BROCKVELD, M. V. V.; TEIXEIRA, C. S.; SILVA, M. d. A cultura maker em prol da inovação: boas práticas voltadas a sistemas educacionais. In: *Anais da Conferência ANPROTEC*. [s.n.], 2017. Disponível em: <<https://via.ufsc.br/wp-content/uploads/2017/11/maker.pdf>>. Citado na página 24.
- CALÇA, J. V. J. Análise comparativa entre os frameworks django e spring boot. 121, 2022. Disponível em: <http://ric-cps.eastus2.cloudapp.azure.com/bitstream/123456789/24770/1/informaticanegocios_2022_2_joaovictorjustocalca_analisecomparativaentreosframeworksdjangoesprin.pdf>. Citado na página 28.
- CARDOSO, T. G. Sensor de turbidez para análise de amostras de água. 2011. Disponível em: <<https://files.core.ac.uk/download/pdf/185254372.pdf>>. Citado na página 26.
- CASTRO, F. R.; CRUZ, F. M. da; ODDONE, N. E. O paradigma da orientação a objetos, a linguagem unificada de modelagem (uml) e a organização e representação do conhecimento: um estudo de caso de um sistema para bibliotecas. *Informação & Informação*, v. 18, n. 1, p. 82–105, 2013. Disponível em: <<https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/informacao/article/view/9547/pdf>>. Citado na página 30.
- CNI. *INDÚSTRIA 4.0 CINCO ANOS DEPOIS*. 2022. Accessed: 27/05/2025. Disponível em: <https://static.portaldaindustria.com.br/media/filer_public/cd/a2/cda22223-5c33-4a5f-af4e-f5a5d64b3d85/sondespecial_industria40_cincoanosdepois_abril2022.pdf?utm_source=chatgpt.com>. Citado na página 8.
- DAGOSTIM, N. E.; JORGE, G. B. Automação residencial: Aliando tecnologia e praticidade. 2022. Disponível em: <<https://www4.fag.edu.br/anais-2022/Anais-2022-53.pdf>>. Citado 2 vezes nas páginas 19 e 20.
- DATE, C. J. *Introdução a sistemas de bancos de dados*. Elsevier Brasil, 2004. Disponível em: <https://books.google.com.br/books?hl=pt-PT&lr=lang_pt&id=xBeO9LSIK7UC&oi=fnd&pg=PP23&dq=banco+de+dados&ots=xdRymZv99M&sig=BOK0UOyvoOOC1r7LyndCUFDFiEM#v=onepage&q&f=false>. Citado na página 29.
- EICOS. 2025. Disponível em: <<https://www.eicos.com.br/sensor-de-nivel/montagem-vertical/LC26M-40/>>. Citado na página 36.

- ELÉTRICO, R. M. *Mercado de automação residencial segue em forte crescimento*. 2023. Accessed: 27/05/2025. Disponível em: <<https://www.revistamundoelectrico.com.br/tecnologia/tecnologia-tecnologia/mercado-de-automacao-residencial-segue-em-forte-crescimento/>>. Citado na página 8.
- FIBRATEC. *Conheça a história das piscinas*. 2021. Accessed: 01/07/2025. Disponível em: <<https://fibratecpiscinas.com.br/blog/historia-das-piscinas>>. Citado na página 12.
- FLORÊNCIO, G. Central microcontrolada para automação residencial: controle sem fio para sensores e atuadores. Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo (IFSP), 2015. Disponível em: <<https://repositorio.ifsp.edu.br/server/api/core/bitstreams/d3970e46-37d0-4aac-a5c6-57b8db1952d4/content>>. Citado na página 27.
- GENCO®. 2025. Accessed: 02/10/2025. Disponível em: <<https://www.genco.com.br/estojos-ot>>. Citado na página 18.
- GENYO. *O que é e como colher os benefícios na sua empresa*. 2024. Accessed: 25/05/2025. Disponível em: <https://genyo.com.br/automacao/?utm_source=chatgpt.com>. Citado na página 8.
- HARRIS, T. *Como funcionam as Piscinas*. 2025. Disponível em: <<https://home.howstuffworks.com/swimming-pool.htm>>. Acesso em: 12 set. 2025. Citado 2 vezes nas páginas 12 e 13.
- HIPÓLITO, J. G.; SILVA, M. d. J. d. Automação residencial com arduino. Centro Universitário UNIFAFIBE, 2018. Disponível em: <<https://unifafibe.com.br/revistasonline/arquivos/revistaeletrica/sumario/69/06022019135904.pdf>>. Citado 3 vezes nas páginas 21, 22 e 23.
- IDEIA, P. *Limpeza e Manutenção de Piscinas*. 2025. Acessado em: 24 jul. 2025. Disponível em: <<https://portalidea.com.br/cursos/e643d94d6e685cffa352bd7370bf84a7.pdf>>. Citado na página 14.
- INFINITO, H. 2025. Disponível em: <<https://www.huinfinito.com.br/sensores/1595-sensor-de-temperatura-mf58-ntc-10k-prova-d-agua.html>>. Citado 2 vezes nas páginas 35 e 37.
- JESUS, W. S. C. de. Introdução a lógica e a linguagem de programação. Universidade do Vale do Paraíba, 2025. Disponível em: <https://www1.univap.br/wagner/Logica_Prog-1.pdf>. Citado na página 27.
- JUCÁ, S.; PEREIRA, R. Aplicações práticas de sistemas embarcados linux utilizando raspberry pi. *PoD Editoria*, 2018. Disponível em: <https://d1wqxts1xzle7.cloudfront.net/60918451/Livro-Aplicacoes-Praticas-RPi20191016-13857-1jp2kma-libre.pdf?1571223807=&response-content-disposition=inline%3B+filename%3DAplicacoes_Praticas_de_sistemas_embarcad.pdf&Expires=1761677643&Signature=SzVXRH-SUaodC0J119Zq1x6j6e-Uq80w~Cy4~QxiSVJDWVM5YgOx-fOYdLwFyDu7mZLRtSB6XC7I_&Key-Pair-Id=APKAJLOHF5GGSLRBV4ZA>. Citado 2 vezes nas páginas 25 e 26.
- JÚNIOR, P. F. da S. et al. Desenvolvimento de front-end e back-end para nós sensores sem fio. 2025. Disponível em: <https://www.researchgate.net/profile/Paulo-Silva-Junior/publication/376763873_DESENVOLVIMENTO_DE_FRONT-END_E>

BACK-END_PARA_NOS_SENORES_SEM_FIO/links/6592aede6f6e450f19bc87af/DESENVOLVIMENTO-DE-FRONT-END-E-BACK-END-PARA-NOS-SENORES-SEM-FIO.pdf>. Citado na página 28.

LEITE, M. Y. F. Plataforma de monitoramento da qualidade d'água utilizando sistemas embarcados. 2020. Disponível em: <<https://repositorio.ufersa.edu.br/server/api/core/bitstreams/7313f04b-7ce8-4c36-b737-bd7e64caab7d/content>>. Citado 3 vezes nas páginas 14, 23 e 26.

LIVRE, M. 2025. Disponível em: <https://www.mercadolivre.com.br/uno-r3-atmega328-atmega16u2-compativel-com-arduino--cab-usb/up/MLBU1971029436?pdp_filters=item_id:MLB2696986084&matt_tool=44747869&matt_internal_campaign_id=&matt_word=&matt_source=google&matt_campaign_id=22603531439&matt_ad_group_id=183641039649&matt_match_type=&matt_network=g&matt_device=c&matt_creative=758138322197&matt_keyword=&matt_ad_position=&matt_ad_type=pla&matt_merchant_id=614220056&matt_product_id=MLB2696986084&matt_product_partition_id=2424646252682&matt_target_id=aud-1966490908987:pla-2424646252682&cq_src=google_ads&cq_cmp=22603531439&cq_net=g&cq_plt=gp&cq_med=pla&gad_source=1&gad_campaignid=22603531439&gclid=Cj0KCQiA_8TJBhDNARIAPX5qxTFFrnFSaupCXUFPgzABkacpcXV8KTq2u-UvU-H4bR6HVldZO6Xbd4aAndwcB>. Citado na página 38.

LUCIFABIO, E. M. et al. Aquário automatizado. 091, 2023. Disponível em: <<http://ric-cps.eastus2.cloudapp.azure.com/bitstream/123456789/13360/1/TCC%20-%20AQUÁARIO%20AUTOMATIZADO-2023.pdf>>. Citado na página 27.

MOREIRA, W. A. Processos tradicionais de desenvolvimento de software. 2025. Disponível em: <https://www.cin.ufpe.br/~processos/TAES3/Livro/00-LIVRO/01-PTDS-v7_CORRIGIDO_Versao_Final_OK.pdf>. Citado na página 29.

MURATORI, J. R.; BÓ, P. H. D. Capítulo i automação residencial: histórico, definições e conceitos. *O Setor elétrico*, p. 70–77, 2011. Disponível em: <https://www.osetoreletrico.com.br/wp-content/uploads/2011/04/Ed62_fasc_automacao_capI.pdf>. Citado 3 vezes nas páginas 19, 20 e 21.

OLIVEIRA, G. F.; ALVES, M. C. O. Domótica: substituição da fiação de retorno nas instalações elétricas por cabeamento de dados e sistemas microcontrolados. SITEFA, v. 2, n. 1, p. 391–403, 2019. Disponível em: <<https://publicacoes.fatecsertaozinho.edu.br/sitefa/article/view/61/66>>. Citado na página 21.

PI, R. 2025. Disponível em: <<https://www.raspberrypi.com/products/raspberry-pi-3-model-b/>>. Citado na página 38.

PISCINAS, E. *A História da Piscina*. 2025. Accessed: 01/07/2025. Disponível em: <<https://www.engevilpiscinas.com.br/historia-da-piscina/>>. Citado na página 11.

PISKE, O. R. Rup-rational unified process. http://www.angusyoung.org/arquivos/artigos/trabalho_rup.pdf. Último acesso em, v. 16, n. 11, p. 2009, 2003. Disponível em: <https://www.angusyoung.org/arquivos/artigos/trabalho_rup.pdf>. Citado na página 29.

REPORT, M. *Automação residencial cresceu 21,8%*. 2024. Accessed: 27/05/2025. Disponível em: <<https://www.moneyreport.com.br/negocios/automacao-residencial-cresceu-218/>>. Citado na página 8.

SILVA, E. L. S.; FERNANDES, S. C. *Automação de telescópio dobsoniano para a democratização do ensino da astronomia*. 104 p. Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso (Tecnólogo em Análise e Desenvolvimento de Sistemas)) — Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás, Formosa, 2025. Departamento de Áreas Acadêmicas. Citado 3 vezes nas páginas 24, 25 e 28.

SILVA, S. M. Estudo de caso sobre o processo de tratamento de água em uma piscina industrial de testes hidrostáticos. *Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Engenharia Mecânica)-Instituto Politécnico, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Macaé*, 2021. Disponível em: <<https://pantheon.ufrj.br/bitstream/11422/16271/1/TCCSMSilva.pdf>>. Citado na página 16.

SOUZA, M. V. A. d. Desenvolvimento em react: a influência de clean code e design patterns na visão dos desenvolvedores. 2025. Disponível em: <https://repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/80355/1/2025_tcc_mvasousa.pdf>. Citado na página 28.

SOUZA, M. O. Sensor de nível tipo deslocador com autocompensação da densidade do líquido. Pós-Graduação em Engenharia Elétrica, 2018. Disponível em: <https://ri.ufs.br/bitstream/riufs/9568/2/MATHEUS_OLIVEIRA_SOUSA.pdf>. Citado na página 26.

VASCONCELOS, A. L. M. Concepção de um sistema para a metodologia sala de aula aberta da universidade de pernambuco. 2025. Disponível em: <<https://www.ecomp.poli.br/ListaTCC/20182/Artur%20Luiz%20Mendonca%20Vasconcelos.pdf>>. Citado na página 29.

VASCONCELOS, A. M. L. D. et al. Introdução à engenharia de software e à qualidade de software. *Minas Gerais: Universidade Federal de Lavras*, 2006. Disponível em: <http://nti.facape.br/jocelio/es/apostilas/Mod.01.MPS_Engenharia&QualidadeSoftware_V.28.09.06.pdf>. Citado na página 29.